

A POSIÇÃO DA MULHER NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Marília Pessoa Monteiro

da Universidade Federal de Pernambuco

"Aqueles que não conhecem o grande influxo que as mulheres tem no bem, ou no mal das Sociedades, parece que até nem querem, que elas tenham alguma educação: mas isto é um engano, é um erro que trás o seu princípio da ignorância. As mulheres ainda que se não destinam para fazer a guerra, nem para ocupar o ministério das coisas sagradas, não têm contudo ocupações menos importantes ao público". Azevedo Coutinho. Estatutos do Recolhimento de N. S. da Glória. Lisboa 1798.

"Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher".

Com essas palavras de Pitágoras, abre Simone de Beauvoir o livro, hoje clássico, no qual discute e analisa esse "princípio mau" que criou para a mulher a ambivalência do "eterno feminino", mito criado para acomodá-la numa situação de dependência a que vem sendo submetida séculos afora. 1 A idéia de uma fase áurea da mulher, ligada ao poder de fertilizar a terra ou ao direito materno, reage a Beauvoir: "essa idade de ouro da mulher, não passa de um mito". 2

Na realidade, é muito antiga a servidão da mulher. Transformou-se habilmente a maternidade em mito e confinou-se a mulher em ninho sem brechas para seu desenvolvimento intelectual, diante dos desafios da natureza cada vez mais dominada pelo homem, enquanto a civilização se fazia à sua revelia. Resistindo a todas as formas de progresso — esse mito — manteve a mulher num choco psicológico, prejudicial não só a ela, mas também aos filhos.

É no Brasil ainda colônia, na fase imediatamente anterior à independência, quando atingiram níveis alarmantes as contradições de toda espécie, que a paisagem social começa a se alterar. Foi na esfera familiar — entre os vários setores da sociedade brasileira — que o "princípio da autoridade menos acessível se mostrou às forças corrosivas que o atacaram".³ É característica da sociedade patriarcal, mas não apenas dela, "o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível".⁴

Apresentavam, nessa época, todos os requisitos para se submeter, sem contestação, ao poder do patriarca. Aliavam ignorância com imaturidade. Meninas-mães escapavam do domínio do pai para caírem no domínio do marido, geralmente escolhido, sem seu consentimento.⁵

O tipo de família que olhos estrangeiros viram e descreveram, justifica a etimologia da palavra — derivada de *famulus* — vinculada que está a idéia de escravidão, "em que mesmo os filhos são apenas os membros livres desse organismo inteiramente subordinado ao patriarca, os *liberi*".⁶

Antes mesmo que a escravidão existisse como fundamento de um modo de produção, a mulher já vergava sob o peso da subalternidade como "o primeiro ser humano a sofrer a escravidão", nas palavras do autor de *La Femme et le communisme*, Auguste Bebel.⁷

Estrangeiros como Henry Koster, Maria Graham, Tollenare, Luis e Elizabeth Agassiz entre outros, diversificados nas nacionalidades e nos afazeres, deixaram obras, onde ainda hoje se buscam dados para estudo da época. Contribuíram para divulgação de informações preciosas, mas nem sempre corretas, acerca de terra e povo.

Em princípios do século dezenove, visita Koster algumas famílias pernambucanas, e escreve sobre costumes que ora o encantam, ora o escandalizam; ressalta, muito corretamente, que não se pode generalizar, porque "famílias de igual posição, importância e riqueza, têm maneiras inteiramente diversas".⁸

Convidado para descansar no convívio domingueiro de uma família pernambucana, surpreende-se quando o excesso de amabilidade dos anfitriões os fazem por no seu prato, "pedaços de carne que retiravam dos seus".

Garfos de prata contrastam com a escassez de facas, duas ou três para o uso de todos. Nas refeições, anota fartura de doces e vinhos já suficientemente lembrados. Na casa de uma das principais personagens de Pernambuco, funcionário público, plantador, senhor de três engenhos em partes diversas da região, nota — hábito arraigado até hoje — mulheres numa sala, homens na outra.

Defendendo ponto de vista, no qual afirma que a escravidão e a poligamia são fases necessárias ao desenvolvimento das civilizações. R. Burton entrará em choque com a opinião de sua mulher Isabel, que, em 1868, prefacia "Viagens aos Planaltos do Brasil". "Minha indignação — explicaria a zelosa senhora Burton — se refere especialmente aos pontos em que é falseada **nossa Santa Igreja Católica Romana**, e em que é elogiada a repulsiva e desnaturada **lei da poligamia**, que o autor tem o cuidado de não praticar, mas que prega aos ignorantes, de um elevado pedestal de moralidade, como meio de povoar nações novas".⁹

Aqui não se pode deixar de lembrar o papel conservador da Igreja, ao longo dos séculos, mantenedora disfarçada da subalternidade da mulher.

A incapacidade humana de atender rigidamente a princípio monogâmicos era defendida, na época, entre os adeptos do fourierismo. 10

A preocupação com a mulher é uma constante no pensamento socialista — tanto o utópico como o científico. Saint Simon, por exemplo, acena timidamente com a igualdade dos sexos. 11 Fourier vai além. Em 1808, sugere que “a sociedade oferece à mulher educação idêntica a do homem e que a liberte definitivamente dos trabalhos domésticos”. 12 Para isso, propõe a criação de uma cozinha central e creches, onde as mães confiem seus filhos a fim de, assim, poderem competir, em todas as funções da sociedade.

Enquanto a senhora Burton reclama da filosofia nitidamente fourierista de seu marido, um francês entre nós, observa um velho e sempre atual problema da convivência humana. “O brasileiro e o francês são ciumentos; aquele testemunha-o, este o simula. O parisiense leva a esposa às reuniões cheio de raiva; (...) o brasileiro esconde a sua de todos os olhares; paga para mandar assassinar o amante e apunhala a infiel”. Mas... “Em ambos os países há maridos enganados”. 13

A frequência dos desvios brasileiros do princípio monogâmico antes de comprovar a teoria fourierista “de ser contrário à natureza humana, perfeita fidelidade conjugal”, 14 comprova, também, que “com a monogamia apareceram duas figuras sociais constantes e características, até então desconhecidas: o inevitável amante da mulher casada e o marido corneado. Os homens haviam conseguido vencer as mulheres, mas as vencidas se encarregaram, generosamente, de coroar os vencedores. O adultério proibido e punido rigorosamente, mas irreprimível, chegou a ser uma instituição social inevitável, junto à monogamia e ao heterismo”. 15

Tollenare não inventava, registrava contradições da sociedade de então. Engels, desconsoladamente, da mesma forma que as sistematizava como instituição inevitável, convencia-se da inutilidade social de reprimí-las.

Outra Isabel, mulher de Luiz Agassiz, escreve as notas que compõem “Viagens ao Brasil”, livro escrito a quatro mãos. 16

Discorrendo sobre as dificuldades de ascenderem as mulheres brasileiras aos níveis mais cultos da sociedade, por lhes ser vedado acesso aos livros, relata Isabel Agassiz um incidente ocorrido com ela própria numa fazenda. O senhor dono da casa, ao vê-la com um romance nas mãos, em voz alta lhe proíbe tal leitura “inconveniente para senhoras. Entregue-lhes, em seguida, outro livro — banal e ridículo tratado sobre moralidade — que qualifica de “excelente obra que comprei para minha mulher e minhas filhas” e que dará à ilustre visitante medida exata do porquê “do pouco gosto” das senhoras da casa pela leitura.

Para estudo sobre a situação da mulher no Brasil, é importante o levantamento feito pelos Agassiz, sobre a instrução feminina: “O nível da instrução é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos freqüentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que se retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver (...) Pouca coisa sabem a respeito da história do seu próprio país, quase nada da de outras nações e nem suspeitam sequer de que possa haver um outro credo religioso que aquele que domina o Brasil; talvez mesmo nunca hajam ouvido falar da Reforma (...) Em suma além do círculo estreito de sua existência doméstica, nada existe para ela”. 17

Claro está que existiam exceções, mas para uma sociedade, cuja economia se baseava numa exploração que visava ao lucro imediato, a instrução não representava um valor social e o casal Agassiz não exagera muito o quadro que pinta.

As exceções estão a níveis bem mais altos, como é o caso de Leopoldina, a Princesa, que escrevia a sua tia Amélia, a 20 de julho de 1821; "Minhas horas livres ocupo-as em ler muito; acabei há pouco a história das repúblicas italianas da idade-média por Simondi, obra que achei cheia de espírito e raciocínio". 18

Realmente, a população de modo geral — e não apenas o sexo feminino — recebia instrução insuficiente, como convinha aos "colonizadores". Evitavam-se escolas, Imprensa e, sobretudo, livros. "Não há um só livreiro em Pernambuco, dizia M. Graham, e a população de suas diversas freguesias sobe a 70.000 almas". 19 "Pensava-se pouco, tendo em vista os perigos da repressão, e escrevia-se menos ainda". 20

Não espanta que, somente em 1881, uma mulher — tão rara que não se pode generalizar o exemplo — tenha conseguido matrícula num curso superior. Chama-se Ambrosina de Magalhães e estudava medicina no Rio de Janeiro.

Assim mesmo, a freqüência das raras mulheres nos cursos superiores do século XIX, era feita, geralmente, na companhia dos pais ou responsáveis.

Em carta que dirigiu ao "Excelentíssimo Senhor Ministro dos Negócios Eclesiásticos, publicada no Rio de Janeiro em 1861, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos assim se refere à educação da mulher neste caótico panorama cultural: "A nova educação feminina é hoje exclusivamente a dos bailes, das salas, das ostentações e as que vivem fora das cidades ou não possuem fortuna, vegetam na ignorância por se entender que a mulher de per si é nada". 21

O ideal de educação feminina — o das "prendas domésticas" — destinava-se a preparar apenas para o casamento. Seu confinamento no lar, através da história — o lar e a cozinha — são o percalço da imaturidade intelectual (porque social e psicológica) de que foi vítima. Do processo de maturação, que corresponde à resposta do sujeito aos desafios do ambiente, foi preservada: o homem lhe reservou a rotina.

Nesta rotina, um dos poucos caminhos a seguir, era "o casamento" — às vezes marcado já no berço — uma vida de repressões e constrangimentos.

Mães seriam na idade de brincar com bonecas; solteironas convictas eram aos vinte anos. Não admira que murchassem antes do tempo, quando não ocorria o pior — a morte de parto — contada por dúzias.

"É raro aqui que as moças de família respeitável, tenham liberdade de escolher maridos para si mesmas: são os pais quem se incumbem de tais arranjos", observou Gardner. 22

A instrução não faria nenhum mal à doce filha de Francisco I, mas sua condição de princesa não a poupou de um casamento "marcado no berço", "arranjo", aliás, muito mais "nobre" do que plebeu. Sua queixa era suave e conformada: "Confesso que o sacrifício que devo fazer de deixar minha família, talvez para sempre, me será muito penoso, mas essa aliança dá grande prazer a meu pai. Separando-me dele, terei o consolo de dizer que me conformei com seus desejos, persuadida que a Providência dirige de modo particular a sorte de nós, princesas, e constitui obediência à sua vontade, subtermo-nos à dos nossos pais". 23

Todo viajante, no Brasil do séc. XIX, foi forçado, por circunstâncias diversas, a parar nas fazendas, que encontrava no caminho. As poucas hospedarias existentes não atendiam em localização, nem qualidade.

Numa dessas paradas, visitaram os Agassiz uma propriedade, onde um grande número de escravos, a organização, que abrangia desde salas de costuras e bordados até oficinas e orquestra de escravos, chamam-lhes a atenção.

As diversões existentes nas fazendas brasileiras, o deitar e o acordar cedo, os ruídos e sons do alvorecer, a sem-cerimônia familiar parecem a Isabel Agassiz "um mundo estranho" que compara "aos costumes tentadores da vida dos castelos da Idade Média". 24

As diversões mais comuns são o canto, a música, os jogos de prendas ou de azar; servem para atenuar a monotonia dos serões familiares, onde a ignorância e os convencionalismos vedam infinitos temas de conversação.

Sente-se o menosprezo dado à mulher, também quando se fala da mestiça: "Quase por toda parte quiseram fazer delas bailadeiras ou raparigas de vida alegre, não podendo jamais crer que nessa classe de criaturas se possam desenvolver e predominar os bons sentimentos e a moral" (...) "Nota-se nelas realmente certo epicurismo". 25 "Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar" era ditado corrente.

Se as mulheres brancas eram um pouco mais que nada e as mestiças não primavam por bons sentimentos, que se diria das negras?

No duplo padrão de moralidade característico da época, a negra, usada pelo branco, foi acusada de corromper a vida sexual da sociedade brasileira.

Fazer da cor e da depravação dois aspectos de único problema, sendo um conseqüência do outro, é simplismo anticientífico. Não podemos esquecer, ao considerar "a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro", que "é a ação do escravo, e não a do negro por si, que apreciamos". 26

A influência da escravidão, na educação familiar, foi também um dos problemas mal compreendido pelos viajantes.

Alguns pecam, não por levantar a questão-inegável, mas, por não saber separar as causas ao analisá-las.

"O brasileiro tem, como já disse antes, muito boas qualidades, porém também muitos defeitos, dos quais muitos são originados e favorecidos pela sua educação". 27

Insistem em que "as crianças crescem quase exclusivamente sob a guarda de amas negras, e os companheiros de brinquedos de sua infância são os filhos dos escravos. Em companhia desses negrinhos os jovens brasileiros aprendem **tudo o que a raça negra tem de mau e os seus vícios**", 28 (grifo nosso).

Não faziam, repetimos, diferença entre negritude e escravidão, a segunda deformando a primeira, com uso e abuso do sadismo, que o sentido de posse do homem pelo homem arrastava consigo. A casa grande foi, sem dúvida, campo aberto aos desregramentos sexuais da época; não se pode fugir às evidências. Acrescentem-se à escravidão a desorgagnização geral da colônia, a "incoerência e instabilidade no povoamento, pobreza e miséria econômica; dissolução nos costumes; inépcia e corrupção nos dirigentes eclesiásticos". 29 A todo o conjunto, a responsabilidade dos problemas.

Atribuiu, Koster, a José Francisco d'Albuquerque — um dos Suassuna — governador do Rio Grande do Norte, em 1810, o uso aqui de tecidos manufaturados na Inglaterra, que, uma vez introduzidos, fizeram sucesso a ponto de ninguém admitir ser passado para trás, tornando assim geral o uso.

Comprova o que diz, quando, visitando uma igreja à tardinha, "todas as senhoras estavam elegantemente vestidas com sedas de várias cores, com véus negros corindo-lhes a cabeça e o rosto. Um ano antes, as mesmas pessoas teriam comparecido à igreja, de saiotes de algodão, feitos em Lisboa, panos de tecidos grosseiro na cabeça, sem meias e com chinelos nos pés". 30

Local dos poucos permitidos às mulheres, por isso mesmo ideal para observação de costumes, a Igreja, além de ponto de encontro, foi, também, lugar de desabafo. Desabafo "aos pés do padre", antecessor da figura do psicanalista, que dava "conselhos", enquanto religião e confissão — "salvando almas, liberavam neuroses". 31

Entretanto, impressionou a Henri Allizé a falta de religião dos que frequentam a Igreja: "fazem-no mais pela forma de exteriorização do culto, que por princípios religiosos". 32 Essa exteriorização explicava para ele o sucesso do positivismo Comtiano no Brasil.

A perturbação da moda feminina foi relacionada com a influência de rapazes brasileiros que iam estudar na Europa e "vinham cheios de novidades, algumas das quais comunicaram às mulheres". 33

Eram eles e não elas que tinham esse privilégio, e deles, como não poderia deixar de ser, emanavam as alterações — sociais, políticas e até mesmo na moda feminina.

George Gardner surpreende-se ao verificar que "quando se vestem para ir à igreja, acompanhar procissões ou visitar pessoas amigas, em vez de grande chale de algodão branco que as cearenses põem na cabeça, ou do pequeno lenço usado no Piauí (...) aqui usam todas capas feitas de lã escocesa ou pano azul, muito semelhantes às que vestem no inverno as moças das fábricas de Glasgow". 34

A surpresa de Gardner deve-se ao fato de "ignorar" o viajante a subordinação brasileira aos ingleses, mesmo em se tratando de produtos incompatíveis com o mercado tropical. A lã inglesa em Goiás, os patins de gelo no Rio de Janeiro, são exemplos da "exagerada preponderância da Inglaterra", que modernizava muito e civilizava pouco o Brasil de então". 35

A modernização teve início calcada mais no mimetismo ou coação, que propriamente na assimilação.

Observando o vestuário feminino em outras cidades, nota Gardner o estranho uso, em Diamantina, de um feio chapéu de homem usado por senhoras de todas as classes sociais: "Parecem que estão todas vestidas da mesma maneira: um capote de pano preto e uma capa em que se embuçam, um lenço atado em roda da cabeça, e sobre esta um chapéu de homem"... Mais estranho ainda é que: "se não fosse o privilégio de que se valem as classes superiores de se ajoelharem no chão diante do altar, não se distinguiriam das pobres que se colocam para trás". 36

Das pobres distinguiram-se, sempre, no preconceito das uniões maritais extralegais, traço que, embora envolvendo amplas modificações, ainda não invalida a existência, até hoje, de preconceito, especialmente nas camadas ditas médias. A classe privilegiada economicamente e a classe pobre por motivos diferentes, retêm um conceito mais compreensível de moralidade.

Nos primeiros anos do oitocentos, nota-se que roupas européias eram usadas pelas senhoras de categoria, "apenas em ocasiões especiais". No dia-a-dia, o uso de finas camisas decotadas tão largas no busto que resvala pelos ombros ao menor movimento, deixando o busto inteiramente a mostra" 37 era comum.

Sendo mulher, Maria Graham conseguiu penetrar, com rara inteligência, a intimidade da família brasileira de sua época.

Nenhum outro viajante chegou a documentar, com tanta fidelidade e vivência, a situação da mulher brasileira do séc. XIX. Assim é que confirma: "As mulheres em casa usam uma camisola que deixa demasiado expostos os seios. Quando saem usam uma capa ou uma manta; esta capa é frequentemente de cores vivas... Certa vez encontro um grupo, no qual os homens se vestiam de couro, "dos pés à cabeça", mas a mulher, escreve aborrecida, "vestia uma roupa à francesa", estragando a unidade do grupo". 35

Lucock, comerciante inglês, descrevendo costumes, entre 1898 a 1918, repete que "entre amigos íntimos, vêm-se apenas de camisa, cingida à cintura pelos cordões da saia e com as alças frequentemente caindo de um dos ombros; não usam meias e raramente põem chinelos ou mesmo os socos de madeira com correias pardas a quem chamam de tamancas" (...) aos vinte e cinco anos, trinta no máximo, já se tornaram perfeitas velhas enrugadas". 39

O incômodo e a relutância dessas roupas são visíveis: "um navio francês, há pouco chegado, trouxera os objetos da moda e as **toilettes**, todas muito elegantes (...) Para usar os vestidos franceses fora preciso recorrer aos espartilhos, e o colete estabelece aqui uma distinção muito pronunciada entre as senhoras que se querem modernizar e as que se apegam aos costumes da terra (...) Compararia esta diferença com a que existia entre as senhoras que pintavam as faces de carmim e as que não o faziam". 40

Apesar de se ter excedido em observações que trazem a marca do espírito da época, o depoimento de Charles Expilly, autor de "Mulheres e Costumes do Brasil", é importante ao estudo que aqui se propõe. Como muitos, pretendeu riqueza rápida e fácil; frustrado nos seus propósitos, ironiza, sempre que pode, a mulher brasileira que vê exageradamente enfeitada, seguindo moda à francesa, gastando em jóias, mas sem dinheiro "para pagar as lições de um professor competente, que se respeita bastante para não viver a matraquear a sua sabedoria". 41

A extenuante reclusão das mulheres brasileiras é observada por quase todos os viajantes.

Herança moura, dizem uns, árabe ou oriental, concluem outros; varia a nomenclatura, que no fundo a mesma coisa significa, mas não varia o ar de mistério que envolve as descrições do "modus vivendi" — em especial o da reclusão — ao qual se adaptavam as mulheres brasileiras do dezenove.

"O Brasil herdou seus costumes de Portugal, do qual descende. Toda península conservou, em grau maior ou menor, a marca do gênio árabe. A mulher do Brasil é mantida sob uma reserva extrema, em uma clausura que era outrora quase absoluta". 42

Consideram curiosa a reclusão das mulheres, que apareciam nas ruas, fechadas "em cadeirinhas ou segregadas em cabriolés". 43 "Cadeirinha de arruar, misto de recato e ostentação. Um pouco de mistério e um muito de vaidade". 44

Com maior ou menor intensidade, costumes semelhantes foram observados em todo o Brasil: "Raramente as viam (as mulheres) fora de casa, salvo ao irem para a missa, muito cedo, pelas quatro da manhã, nos dias santos ou dias de obrigatoriedade devocional; mas, mesmo então, o vulto todo e mais o rosto iam de tal forma envolvidos em mantos, ou ocultos detrás das cortinas de uma cadeira, que impediam gozar de ar fresco, escondendo todas as feições, com única exceção talvez de uns olhos tagarelas e **maus**" 45 (grifo nosso).

A observação final coaduna-se bem com o pensamento pitagórico, que grassava, ainda, em pleno dezenove.

Ao conde de Suzannet, em 1844, incomoda a extrema severidade com que as mulheres do Rio eram resguardadas dos olhares "maus" de homens estrangeiros. Talvez, ressentido, exagero enquanto insulta de modo "imperdoável" a formosura cantada em prosa e verso da carioca: "Il y a peut-être à Rio quatre ou cinq femmes qu'on pourrait citer pour leurs beauté; toutes les autres n'ont ni attrait ni seduction. L'effronterie de leur regard, le cynisme de leur conversation, inspirent presque toujours une repulsion invincible". 46

Ainda sobre a cadeirinha. Ela foi comparada por Luccok aos palanquins orientais

com o que concordou Oliveira Lima: "Alguma dama menos caseira que aventurava-se a fazer visitas, não saía a pé: deixava-se conduzir em uma enfeitada cadeirinha transportada por escravos: Tão excessivo recato feminino e as rótulas que discretamente cerravam as janelas, davam ao Recife, um ar de **villa árabe**, na qual se adivinhassem mulheres espreitando gulosamente os transeuntes por trás de intrincados mucharabis". 47

Muxarabis que despertam idéia de "zelo e ciúme", ligados ao "hábito de a mulher não aparecer aos estranhos, de sair de casa à rua com o rosto coberto, de viver com as pernas cruzadas no tapete, de não frequentar certos lugares tabus da casa". 48 Neles se podia ver sem ser visto. Neles era visível a influência mourisca. Restam dois em Olinda. Um na rua do Amparo, outro no pátio de S. Pedro, este, diz a tradição — mas nada prova — pertenceu a João Fernandes Vieira. Sabe-se com segurança, que pertenceu a João Manuel Pontual, pai do barão de Petrolina.

Mesmo nas "grandes casas", as visitas masculinas eram recebidas apenas pelo chefe da família, "cabeça da esposa" para usar expressão do Papa Leão XIII.

A mulher cabia, já que não tinha "cabeça", submissão e obediência às ordens do marido.

Tollenare desabafou em tom de queixa: "A minha chegada as senhoras desapareceram e fiquei só no salão a palestrar com o dono da casa". A clausura feminina avivava-lhes a curiosidade a que a gentileza dos senhores não satisfazia: "Quando um senhor de engenho visita outro, as senhoras não aparecem. Passei dois dias na casa de um deles, homem muito presenteiro e que me cumulava de amabilidades, e não vi sua família no salão nem à mesa". 49

Observação repetida, já no fim do século dezenove, por Oscar Canstatt: "Durante minha permanência no Brasil não tive oportunidade de conhecer senhoras e famílias brasileiras. As senhoras são vistas raramente em rápidas visitas, porque nunca se mostram nas ruas como na Alemanha e só excepcionalmente nas varandas ou janelas". 50

Além dessa clausura, arraigada aos costumes, ou mesmo por não achá-la suficiente, muitos pais e maridos apelavam para formas mais sérias de reclusão. Estamos referindo-nos aos recolhimentos de moças, uns como escolas — considerados suaves — outros desumanos como conventos ou, ainda, locais de correção.

Algumas vezes foi o convento a opção preferida por pais que viam no casamento de suas numerosas filhas o dilaceramento de suas terras. Por motivos não "religiosos", tornavam-se, assim, "religiosas, essas pobres vítimas da sociedade patriarcal". Desta forma — escreve Susan A. Soeiro — "o convento funcionou como um mecanismo social que permitia a elite de restringir os casamentos, com a finalidade de se perpetuar como elite exclusiva da sociedade baiana". 51

Os que se dedicavam também a escolas, como o da Glória, fundado no Recife pelo bispo Azeredo Coutinho, serviram — casos raros — para instruir as jovens casadoiras nas artes de coser e ler, como informava Tollenare: "Quando **por acaso**, um pai família deseja dar alguma instrução a uma filha, a confia durante algum tempo às diretoras de um destes recolhimentos; alí as raparigas aprendem um pouco a ler e a coser. Há ainda muitos pais que não querem que as filhas aprendam a ler e a escrever; mas, este preconceito diminui diariamente, e, pelo modo por que vejo se **apreciar** tudo o que **vem** da Europa, creio que dentro de alguns anos não restarão vestígios de semelhante prejuízo". 52

Ainda sobre o Recolhimento da Glória, seus estatutos para Educandas e Recolhidas, ordenados e formulados pelo bispo D. José Joaquim Cunha de Azeredo Coutinho, merecem destaque. Foi dividido em duas partes: a primeira contendo "o que pertence ao governo, e economia da casa"; a segunda referindo-se "a instrução que se há de dar as educandas", inclusive para preservá-las "dos defeitos ordinários do seu sexo".

Expõe, na justificativa que dá início aos estatutos, os motivos que o levaram a pleitear a instalação de uma casa que cuidasse da instrução das mulheres, "que a Providência desde o berço destinou para serem Mães, Mestras, Religiosas, ou Diretoras dos primeiros passos daqueles, que um dia hão de formar o corpo da sociedade humana". 53

Entre as condições exigidas para serem admitidas, tanto Recolhidas como Educandas, destaca-se a primeira: **ser branca**.

Na parte segunda, específica sobre educandas, adverte no cap. VI "de que uma mulher de bom juízo não fala senão quando é necessário, e **sempre com ar de dúvida** (o grifo é nosso) e de cortezia; que nada é mais estimável, e mais raro do que uma mulher prudente, que fala pouco e desconfia muito mais de si do que dos outros..." 54

Não é de espantar, portanto, que Maria Graham diga ter encontrado, quando esteve na Bahia, "algumas mulheres conversáveis", mas "ninguém em nenhum sexo que me lembrasse os homens e senhoras bem educadas da Europa". 55

Igrejas e conventos gravitavam em torno do conjunto urbano, que dominavam com seu prestígio a influência, decisivos para submeter o ambiente rude da época. Os conventos femininos foram os de vida social mais ativa. Para lá recolhiam-se, conforme o caso, solteiras, casadas, ou viúvas. Porque a mulher "**só reina**" no convento ou na casa.

Lindley, compadecido, assiste, na Bahia, a grande festa oferecida por um pai que comemorava os votos religiosos de uma menina de dezesseis anos, vítima de costumes retrógrados, que iam de encontro, inclusive, à necessidade populacional do país. Seu comentário é o seguinte: "este júbilo público diante de uma ato que talvez condene a pobre vítima à desgraça irremediável por toda vida e, sem dúvida, à reclusão perpétua da sociedade, assemelha-se à prática de dourar a pílula a fim de aliviar o seu amargor". 56

O abuso atinge raias da perversidade, pois "sabe-se até que muitos brasileiros internam suas mulheres, sem plausível razão, durante anos, num claustro, simplesmente a fim de viverem tanto mais a seu gosto na sua casa com uma amante. A lei presta auxílio a este abuso; quem se quer livrar da própria esposa, vai à polícia e faz levá-la ao convento pelos funcionários, desde que pague o custo de suas despesas". 57

Tais extremos só se explicam por sadismo desnecessário, pois a mancebia não constituía problema moral que impedisse "senhor todo poderoso" de usar e abusar do seu poder.

Ao homem, mesmo ao considerado "ótimo marido", tudo é permitido. Sua casa é seu pequeno feudo. Nestes casos, o resto da casa gira em torno da mulher, elemento conservador, mantenedora "valente e abnegada" da tradição e da "superioridade" masculina. O homem atende seus negócios e apela espiritualmente aos amigos porque a enciclopédica ignorância de sua mulher não faz grata a convivência com ela. Completam o quadro as palavras de Gardner: "Raramente os homens da melhor classe social vivem com as esposas: poucos anos depois do casamento, separam-se delas, despedem-nas de casa e as substituem por mulheres mais moças que estão prontas a suprir-lhes o lugar sem se prenderem pelos vínculos do matrimônio".58

Às vezes, as duas ficavam sob o mesmo teto; às vezes em tetos separados, mas era idêntica a insignificância a que uma e outra eram relegadas.

Evitava-se o casamento fora da mesma classe social, mas a mancebia não pesava e era fora do matrimônio que grande parte da vida sexual masculino era realizada.

A mulher reservava-se "virgindade antes e fidelidade depois" (do casamento). A prostituição permitia manter tabus masculinos em relação às mulheres — sem ela

talvez não existisse a instituição da virgindade — dificultando, assim, todo o mecanismo em que vivia a sociedade patriarcal.

A duplicidade moral ensejava verdadeiros absurdos de comportamento, como o que presenciou e relatou Auguste de Saint Hilaire, em Goiás.

Governava a Província Fernando Delgado Freire de Castilho, que vivia com a filha de um carpinteiro e dela tinha dois filhos. Ao deixar o Governo, em 1820, "a mulher declarou que estava pronta a acompanhá-lo à Europa, mas na qualidade de legítima esposa".

Por não suportar "o dilema em que se encontrava, de se casar com a filha de um carpinteiro ou deixá-la no Brasil", pôs fim, Fernando Delgado, à própria existência. 59

O entrudo era uma das raras oportunidades que tinham as mulheres brasileiras de extravasar sua natural alegria, abafada por tantos grilhões, dando-lhes chances de poder esquecer alguns dias a sofrida vigilância. 60

Em Luccock, o entrudo é descrito de forma que nada acrescentaria se — ao falar nas bolas de cera oca, cheias d'água, com as quais os foliões bonbardeavam-se, encharcando-se mutuamente, — não completasse: "Conjeturou-se que esse foi um dos primitivos modos singulares pelo qual os padres, impunham a água batismal às pessoas pouco dispostas a recebê-la, assim forçando-as para dentro do Reino dos Céus", 61 o que não deixa de ser modo "sui-generis" de impôr-se o "passe celestial".

Mas, é Tollenare quem, sobre o entrudo, deixou deliciosas páginas, plenas de realização por oferecer-lhe, "a licença destes dias... acesso à casa de alguns vizinhos, de classe média, as quais até então apenas lobrigara".

A água no rosto, a guerra animada e a permissão de revidar os ataques oferecem ocasião, até, de "alguns tours de mains". Enquanto "as senhoras vos seguram, vós vos debateis e neste conflito algumas vezes mais bizarro, é difícil não esquecer um pouco nos que achamos em boa sociedade". Finalmente, enfatiza com a rigidez característica: "Não desejaria ver, nem minha irmã, nem minha esposa, em meio das recreações do entrudo". 62

Nem tanto rigor, nem tanta reclusão poderiam existir ao menos nos lugares próximos a um rio de "margens risonhas", águas ainda límpidas e tranquilas, que permitiam ver "um fundo de areia pura, que toma um colorido, verde esmeralda escuro, do reflexo da folhagem, em meio da qual vê-se esvoaçar o cacique, de ninho suspenso, o cardeal, vestido de escarlate, e mil pássaros, adornados de brilhantes plumagens". 63 Deliciosa paisagem a que assiste o "alumbramento" de Tollenare, diante da "nudez das banhistas" graciosas do Capibaribe.

"Rio cheio de peixes, caranguejos, tatus, cotias, belezas que desaparecem ante o espetáculo das lindas banhistas."

Agradam, como páginas literárias, as fantasiosas e extasiadas palavras de Tollenare atingem o já antigo objetivo: despertar curiosidade nos leitores, especialmente nos europeus.

"As senhoras da classe mais elevada banham-se nuas", mas dificilmente, acreditamos, ao alcance dos olhos ávidos do francês.

"Confesso que fiquei tão surpreendido quanto encantado, ao encontrar um dia, neste estado de naiades sem véus, as senhoritas N..... filhas de um dos primeiros negociantes da praça". 64

E o rio cúmplice, "véu demasiado transparente" para cobrir tanta beleza, transforma em poeta, senão em visionário, o negociante francês que, deslumbrado, se trans-

porta ao "palácio encantado da deusa do rio", 65 antecipando, de mais de um século, "o alubrimento" do velho Bandeira. 66

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — ENGELS, Friedrich. **A Origem da família de propriedade privada e do estado.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974. p. 61.
Diz Engels que tal submissão data do momento em que, surgindo a propriedade privada, o homem, senhor de terras e escravos, tornou-se, também, senhor da mulher. Nisso consiste "a grande derrota histórica do sexo feminino".
- 2 — BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** 4 ed. São Paulo, Difusão européia do livro, 1970. p. 74-91.
- 3 — HOLLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro, J. Olympio, 1936. p. 87.
- 4 — FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil.** Rio de Janeiro J. Olympio, 1961. p. 93.
- 5 — SAFIOTTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes.** Rio de Janeiro, Vozes, 1976. p. 168.
- 6 — HOLLANDA, Sergio Buarque de 1936. p. 87.
- 7 — SAFIOTTI, Heleith. 1976. p. 84.
- 8 — KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil.** São Paulo, Ed. Nacional, 1942. p. 56.
- 9 — BURTON, Richard. **Viagens aos planaltos do Brasil (1868).** São Paulo Ed. Nacional, 1941. p. 16.
- 10 — "Um dos aspectos de interesse psicológico e ao mesmo tempo sociológico do fourierismo é a sua antecipação a idéia, só na primeira metade do século XX, defendidas por filósofos-sociólogos como Bertrand Russel, de ser a "perpétua fidelidade" ao amor sexual "contrária à natureza humana". FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1960. T. 2. p. 752.
- 11 — "Nós teremos que mostrar como a mulher, primeiro escrava ou pelo menos em uma condição vizinha da servidão, se associa ao homem e adquire cada dia maior influência na ordem social, como as causas que determinaram até aqui sua subalternidade se estão entraqecendo sucessivamente, devendo enfim desaparecer e levar com elas esta dominação, esta tutela, esta eterna minoridade que ainda se impõem às mulheres e que seriam incompatíveis com o estado social do futuro que prevemos". SAINT-SIMON, Exposition de la doctrine, transcrito in Thomas, Edith. Les femmes en 1848. Presses Universitaires de France, 1948. Apud: SAFIOTTI, Heleith, 1976. p. 30.
- 12 — SAFIOTTI, Heleith, 1976. p. 72.
- 13 — TOLLENARE, L. F. de. **Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818.** Salvador, Ed. Progresso, 1956. p. 332.
- 14 — FREYRE, Gilberto. **Um Engenheiro francês no Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966. v.2. p. 752.
- 15 — ENGELS, Friedrich, 1974. p. 66, 72.

- 16 — AGASSIZ, Luiz & AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagens ao Brasil, 1865-1866**, São Paulo, Ed. Nacional, 1938. p. 14. "As nossas mútuas contribuições para o Diário por tal forma se confundiram que nos foi de certo modo impossível distinguir a parte de cada qual". Confirma Agassiz.
- 17 — AGASSIZ, 1938. p. 569.
- 18 — BEZERRA, Alcides. A vida doméstica da Imperatriz Leopoldina. 1797-1826. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 175, 1940, p. 88.
- 19 — GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1956. p. 121.
- 20 — MOTA, Carlos Guilherme. **Nordeste, 1817**. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972. p. 229.
- 21 — Carta do Monsenhor Joaquim Pinto de Campos ao Excelentíssimo Senhor Ministro dos Negócios Eclesiásticos. Rio de Janeiro 1861. Apud: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil**. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1961. p. 115.
- 22 — GARDNER, George. **Viagens ao Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1942. p. 115.
- 23 — BEZERRA, Alcides. 1940. p. 78.
- 24 — AGASSIZ, Luiz & AGASSIZ, Elizabeth Cary. 1938. p. 146-8.
- 25 — LALLEMANT, Robert Avé. **Viagem pelo Norte do Brasil no ano de 1859**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1961. v.2, p. 412.
- 26 — FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala; formação da família brasileira sobre o regime de economia patriarcal**. 14 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1966, T. 2. p. 438. Sobre a mulher índia e negra, voltaremos a tratar, na parte relativa à visão que do negro e do indígena tiveram os viajantes.
- 27 — CANSTATT, Oscar. **Brasil terra e gente, 1871**. 2a. ed. Rio de Janeiro Ed. Conquista, 1975. p. 219.
- 28 — CANSTATT. 1975. p. 219.
- 29 — PRADO, Júnior, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo Ed. Brasileira, 1975. p. 335.
- 30 — KOSTER, 1942. p. 112.
- 31 — FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 1961. p. 93-4.
- 32 — ALLIZÉ, Henry. Impressões de um jovem diplomata no Brasil. **Revista Brasileira Synthese do momento contemporâneo**, Rio de Janeiro (3): 315, set. 1934.
- 33 — FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 1962. p. 102.
- 34 — GARDNER, George, 1942. p. 280. O "aqui" de Gardner refere-se a Goiás.
- 35 — MAXIMILIANO, Príncipe de Wied Neuwied. **Viagem ao Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1940. p. 33. Apud: FAORO, Raymundo. **Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre, Ed. Globo; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 258.
- 36 — GARDNER, George, Op. cit. p. 384.

- 37 — LYNDLEY, Thomas. **Narrativa de uma viagem ao Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1969. p. 177.
- 38 — GRAHAM, Maria. 1956. p. 115-117.
- 39 — LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 75-6. ..
- 40 — TOLLENARE, L. F. de. 1956. p. 309.
- 41 — EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1935. p. 37. O professor seria ele próprio. Por não apresentar os documentos que o credenciavam à função, solicitados pelo Imperador, seu projeto de fundar uma escola para moças, foi rejeitado. Provavelmente pertencia ao número dos que para cá vinham fazer da profissão de mestre-escola, charlatanismo, como lembrou Pe. Lopes Gama, em 1842: "qualquer francês, qualquer inglês, qualquer suíço etc. qualquer abelha-mestra desses paizes aporta a Pernambuco e não tendo outro gênero de vida diz que vem repartir conosco das suas muitas luzes..." (O Carapuceiro, 1842) Apud: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**, p. 7.
- 42 — FREYRE, Gilberto, **Um engenheiro francês no Brasil**. 1960. p. 810.
- 43 — LINDLEY, Thomas. 1969, p. 761.
- 44 — SETTE, Mário. **Arruar; história pitoresca do Recife antigo**. Rio de Janeiro, Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1948. p. 7.
- 45 — LUCCOCK, John. 1975. p. 761.
- 46 — CHAVAGNES, L. de. Comte de Suzannet. **Le Brésil en 1844. Revue de Deux Mondes**. Paris, 7: 69, 1844. (Nouv. série).
- 47 — LIMA, M. de Oliveira. **Pernambuco e seu desenvolvimento histórico**. 2a. Ed. Recife, Governo do Estado de Pernambuco, 1975. p. 223. Muxarabis eram balcões bem salientes apoiados quase sempre em cachorros de pedra, abrangendo dois ou três lances contínuos de janelas (em determinados casos, a fachada inteira da habitação). Em geral, a construção estava servida, a exemplo das gelosias, de postigos moveáveis, semelhantes a paraventos (as tradicionais rótulas). Ver, sobre o assunto, Estevão Pinto. **Muxarabis, balcões e outros ensaios**.
- 48 — PINTO, Estevão. **Muxarabis & Balcões e outros ensaios**. São Paulo, Ed. Nacional, 1958. p. 24.
- 49 — TOLLENARE, L. F. de. 1956. p. 86.
- 50 — CANSTATT, Oscar. 1975. p. 198.
- 51 — SOEIRO, Susan A. The Social and economic role of the convent: woman and nuns in colonial Bahia. **Hispanic American Historical Review**. (54): 209. 32. 1974.
- 52 — TOLLENARE, L. F. de. 1956. p. 123.
- 53 — COUTINHO, D. José Joaquim Cunha de Azeredo. **Estatutos do recolhimento de N. S. da Glória**. Lisboa, 1798. p. 2.
- 54 — COUTINHO, D. José Joaquim Cunha de Azeredo. 1798. p. 83-84.
- 55 — GRAHAM, Maria. 1956. p. 162.

- 56 — LINDLEY, Thomas. 1969. p. 111.
- 57 — BURMEISTER, Herman. Apud: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. p. 126
- 58 — GARDNER, George. 1942. p. 153.
- 59 — SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem a Província de Goiás**. Ed. Itatiaia S.P. 1973. p. 56.
- 60 — SPIX & MARTIUS. **Viagem pelo Brasil**. 2 ed. São Paulo, Ed. Melhoramentos, S. d. t. 2, p. 218.
- 61 — LUCCOCK, John. 1975. p. 129.
- 62 — TOLLENARE. 1956. p. 120/172.
- 63 — TOLLENARE. 1956. p. 133.
- 64 — TOLLENARE. 1956. p. 131. Tem aqui o pudor de não escrever o nome da "ninfa".
- 62 — TOLLENARE. 1956. p. 170/172.
- 66 — BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira: evocação do Recife**. 3 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973. p. 114.

Capibaribe

Capibaribe

.....

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho

Fiquei parado o coração batendo

Ela se riu

Foi meu primeiro alubrimento.